

82.09
S719c
SC: 1
C: 92569127

C-92569127

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N.º	00114537
Data	07/10/05
☐ Compra ☒ Doação ☐ Permuta	

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

CHAPEUZINHO AMARELO : E O LOBO AGORA É UM BOLO FOFO

ELISANGELA RODRIGUES DE SOUZA

PONTES E LACERDA
2004

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

CHAPEUZINHO AMARELO : E O LOBO AGORA É UM BOLO FOFO

ELISANGELA RODRIGUES DE SOUZA

Ensaio monográfico de conclusão
do curso de graduação em Letras ,
apresentado ao Departamento em
Letras (DL) da Universidade do
Estado de Mato Grosso- Campus
Universitário de Pontes e Lacerda,
como requisito parcial para obter o
título de graduada em Letras.

ORIENTADORA: MARIA INÊS PAROLIN ALMEIDA

PONTES E LACERDA
2004

AGRADECIMENTOS

A Deus, que carregou-me nos braços nesta longa caminhada e que hoje entrega a mim a taça da vitória, pois “estava dormindo e me acordaste e sustentaste-me com a tua palavra: Eu me deitei e dormi, acordei, porque o Senhor me sustentou” (Salmo 3:5).

À Professora Maria Inês Parolin Almeida, que orientou-me sendo principalmente amiga e incentivadora para que eu chegasse até aqui, respeitando minhas idéias e valorizando-as.

À minha família e amigos, em especial a Marli por acompanhar-me nesta jornada.

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

Local e data da apresentação

SUMÁRIO

1- Resumo.....	01
2 – LOBO-BOLO.....	02
3 –Um aparte sobre a ilustração.....	14
4–Algumas considerações finais.....	18
5- Anexos.....	I

RESUMO

As obras *Chapeuzinho Amarelo* (1979) de Chico Buarque e *Chapeuzinho Vermelho* (1810) dos Irmãos Grimm, figuram a criança da sociedade antiga e moderna. Através de *Chapeuzinho Vermelho* mostra-se ao leitor o sentido moralista e tutelar do conto. Para tanto simula-se um menina menos corajosa, e com isso revela-se o compromisso de submissão ao adulto. Já *Chapeuzinho Amarelo* leva o leitor à polissemia textual. Assim, há um deslocamento da figuração do ser infantil no texto de Buarque em relação aos Grimm, na medida que a personagem *Chapeuzinho Amarelo*, do primeiro citado, representa o possível leitor da história tradicional desejado pela imitação da paródia.

Em consequência, o medo é uma questão de interpretação dada, de construção narrativa, tanto que o exercício feito com a **palavra** é análogo ao feito com as personagens amedrontadoras, destruindo o seu **nome**, ela destrói suas imagens canônicas e passa a brincar com eles.

PALAVRAS-CHAVE: leitor previsto, ser infantil, tutela do narrador.

LOBO-BOLO

Essa análise tem por objetivo fazer uma abordagem sobre o leitor previsto nas obras *Chapeuzinho Amarelo* e *Chapeuzinho Vermelho*, através do estudo de figuração do ser infantil nas duas obras pela posição do narrador e de outros personagens que figuram o adulto e estão presentes nessas narrativas.

A hipótese de leitura é a de que Buarque opera um deslocamento em vários sentidos em relação à figuração canônica do ser infantil na literatura que a ele se pretende destinar.

Em *Chapeuzinho Vermelho* dos Irmãos Grimm, a menina que aparece representa uma imagem inocente e encantadora, que sendo engolida por um lobo deixa uma marca indelével na mente do leitor. Com essa obra os Irmãos Grimm pretendiam mostrar que *meninas bonitinhas não deviam dar ouvidos a todo tipo de gente*. Assim o conto tem sentido moralista.

Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque constitui-se uma paródia em versos baseada em tal versão de *Chapeuzinho Vermelho*. A menina desta obra tem medo de tudo, inclusive do lobo, que ela ouve contar da história de *Chapeuzinho Vermelho*. O primeiro fator que diferencia a menina *Chapeuzinho Amarelo* e *Chapeuzinho Vermelho* é que essa vence seus medos através da desconstrução das palavras, ficando nítido o caráter dado à linguagem na obra. Não só esta versão está composta em versos, em oposição às versões em prosa, como também pelo fato de que *Chapeuzinho Amarelo* confronta com o lobo das narrativas de *Chapeuzinho Vermelho* que ouve contar ou lê. O lobo é um ser de linguagem.

*E de todos os medos que tinha
o medo mais que medonho
era o medo do tal do LOBO
um LOBO que nunca se via,
que morava lá pra longe,
do outro lado da montanha,
num buraco da Alemanha,
cheio de teia de aranha,
numa terra tão estranha,
que vai ver que o tal do LOBO
nem existia.*(BUARQUE: 1979, VI).

Em *Chapeuzinho Vermelho* é-nos apresentada uma menina idealizada pelo adulto, pois o mesmo pretende imprimi-la como modelo de comportamento no século XIX, sendo que ela se comporta de modo passivo durante toda a narrativa.

Chapeuzinho Vermelho (1810) dos Irmãos Grimm, é uma versão famosa da história, uma menina que tem esse nome por usar uma touquinha vermelha. Um dia sua mãe pede para que ela leve bolo e uma garrafa de vinho para sua avó, e ordena à mesma para que não se desvie do caminho. Ao passar pela floresta encontra o lobo mau, este pede para que a menina vá por outro caminho, a mesma se distrai colhendo flores e chega na casa da avó depois. Quando chegou o lobo já havia engolido sua avó, e logo foi a sua vez de ser devorada. Em seguida chega o caçador e encontra o lobo, o caçador pensa em atirar, mas lembra-se que o lobo pode ter devorado a vovó, e assim ele não atira. Então o caçador resolve pegar uma tesoura para abrir a barriga do lobo enquanto ele dorme. Ao fazer o corte vê *Chapeuzinho Vermelho* saindo lá de dentro assustada, logo após sai também a vovozinha. Então *Chapeuzinho Vermelho* buscou algumas pedras e colocaram na barriga do lobo, quando o mesmo acordou e tentou fugir não conseguiu caindo morto no chão por causa das pedras. A vovó, o caçador e *Chapeuzinho* sentiram-se aliviados. A menina por sua vez pensou: *nunca mais sairei da estrada e penetrarei na floresta, quando isto for proibido por minha mãe.*

Chapeuzinho Amarelo (1979) de Chico Buarque, é a história em versos de uma menina que tem medo de tudo. Uma menina que já ouviu a história de *Chapeuzinho Vermelho* e por isso ouvia contos de fadas e estremecia. Um dia porém ela encontrou o lobo, ficou só com ele e não teve medo. Ao contrário disso *Chapeuzinho* se divertiu com o lobo. Ele se chateou tanto que virou BOLO e ficou com medo de ser *comido inteirim*. Assim ela vence seu medo brincando com a palavra, pois passa a desconstruí-la, e deixa de ser *amarela*, passando a ter as faces rosadas, exibindo sempre um sorriso feliz.

Segundo Lajolo e Zilberman a valorização da família na sociedade burguesa é a mola mestra que transforma a leitura em prática social na modernidade, quando constitui atividade privada nos lares tendo o livro como instrumento ideal para a formação da moral burguesa. Portanto, *ser leitor, papel que, enquanto pessoa física exercemos, é função social, para a qual se canalizam ações individuais, esforços*

coletivos e necessidades econômicas (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999: 14). Assim, a infância e o papel social do leitor concomitantemente aparece nesse contexto histórico social definido: a ascensão da burguesia e a posição que a criança passa a assumir na família. Para Lajolo e Zilberman a nova unidade familiar, centrada em pai-mãe-filhos é fortalecedora do Estado, privilegia a criança como um ser merecedor de atenção especial com *status* próprio e para a qual convergem as preocupações com a saúde, a educação e a religiosidade.

Trata-se da emergência da família burguesa, a que se associam, em decorrência a formulação do conceito atual de infância, modificando o status da criança na sociedade e no âmbito doméstico, e o estabelecimento de aparelhos ideológicos que visarão a preservar a unidade do lar e, no meio social. (Zilberman, 1987:04)

Na visão dos Irmãos Grimm, temos como em Perrault, em 1667, um conto exemplar, pois é a mãe (adulto) quem dá conselhos à filha para não desviar-se do caminho, não olhar curiosamente para os cantos da casa, enfim para não desobedecê-la. A menina nesse conto internaliza essas ordens, afirmando que: *Farei tudo como me for recomendado, respondeu Chapeuzinho Vermelho, estendendo a mão para mãe.* (Grimm:1810,01)

Mesmo se convencendo de que deveria seguir as ordens da mãe, ao se encontrar fora do alcance de um adulto essa menina distrai-se pelo caminho, deixando de cumprir com o que lhe foi recomendado. Com isso os Grimm mostram que a criança deve obedecer o adulto, pois se assim não fizer terá conseqüências. Neste sentido *Chapeuzinho Vermelho* representa não mais a complexa passividade, pois transgride regras explicitadas pela mãe, todavia o grau de independência é limitado, pois além de quebrar normas e ser punido, a personagem *quebra* as regras apenas relativamente às ordens da mãe, porque o faz obedecendo ao lobo.

Mal tinha pronunciado essas palavras, o lobo pulou da cama e engoliu a pobre menina. Depois de ter satisfeito sua gula, o lobo deitou-se novamente na cama, adormeceu e começou a roncar. (Grimm:1810,02).

Através desse fragmento, entendemos que a punição se instalou porque a menina não apenas obedeceu o lobo, mas obedeceu a ordem errada, do ser que lhe desejou mal.

O enfoque destacado nas duas narrativas é o medo, por meio da figura do lobo. Com a morte deste, fica evidente uma aparência de vitória da menina sobre o mesmo. Porém ao precisar do caçador para se ver livre do lobo, os Irmãos Grimm reiteram a submissão do ser infantil ao adulto. O que permanece portanto na narrativa é uma menina como pessoa reificada pelo medo. Neste caso a infância figura-se idealizada por vários motivos, inclusive para que ocorra a desobediência, ela a comete facilmente por conta de indução, sua descrição logo no primeiro parágrafo é educadora a ponto de torná-la logo aceita: *pequena e meiga menina, da qual todo mundo passava a gostar assim que a conhecia* (aliás *Chapeuzinho Vermelho* é a única personagem descrita, apenas sobre ela há caracterização na narrativa), o que envolve é tratado no diminutivo, no mais das vezes: *vovózinha/chapeuzinho*, isso quando os próprios adjetivos referidos não são enfatizados, como o fato de o narrador tratar do lobo como um *bicho tão malvado*.

Enquanto em *Chapeuzinho Vermelho* é apresentado ao leitor o medo pela figura do lobo, que permite que o mesmo internalize os conceitos sociais de obediência, ao entrar em contato com essa narrativa. Diferenciando do medo de *Chapeuzinho Amarelo* que é apresentado por Buarque, sendo que a menina dessa narrativa permite que o leitor vença, juntamente com ela, todas as etapas vividas na história para transformar o medo figurado no lobo em uma paródia.

Esse tipo específico de intertexto (que etimologicamente se desmembra em *par + ode*: *ao lado da ode/paralelo a ode*- foi marcado e estudado detalhadamente por Bakthin (apud Discini:194) como originários característicos do realismo grotesco da Idade Média e do Renascimento na Europa, principalmente nas narrativas compostas a partir de elementos populares da cultura ocidental:

O traço marcante do realismo grotesco é o rebaixamento, isto é, a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato. É o caso, por exemplo, da Coema Cypriani (A Ceia de Ciprião)(...), e de várias outras paródias latinas da Idade Média cujos autores em grande parte extraíram da Bíblia, dos Evangelhos e de outros textos sagrados todos os detalhes materiais e corporais degradantes e terra-a-terra. Em certos diálogos cômicos muito populares da Idade Média como, por exemplo, os que mantêm Salomão e Marcul, há um contraponto entre as máximas salomônicas, expressas em um tom grave e elevado, e as máximas jocosas e pedestre do bufão Marcul que se referem todas premeditadamente ao mundo material (bebida, comida, digestão, vida sexual).

No gesto paródico o que se tem como base é portanto o rebaixamento, a dessacralização do inquestionável, que transforma o oficial em cômico regenerado pelo riso. Assim a vítima da narrativa se desloca para o centro da mesma e o algoz tem seu papel original esvaziado, para ocupar um lugar de par daquele na comédia.

Sendo humanizado o LOBO de Buarque já estava dessacralizado desde o início (na ilustração ele é figurado com a gravata colorida desde o momento em que é distinto da sombra de Chapeuzinho). Sua humanização nessa narrativa vai destruí-lo do lugar de homem (ser masculino) para construí-lo no lugar de ser humano, no sentido de que ele também vai ter medo de ser devorado pela protagonista depois que se torna BOLO.

Em termos linguísticos de uma semântica greimasiana, Discini (2001) ao tratar das várias versões de *Chapeuzinho Vermelho* afirma que a inversão narrativa da paródia dá-se na *relação entre os actantes narrativos (sujeito de estado e sujeito do fazer) e os autores que o manifestam no discurso*. Aí é que está a troca lobo/menina, que permite falar de inversão na sintaxe narrativa. Assim, desconstruindo o medo e o lobo, vai se construindo a transformação desse sujeito que, em conjunção com a liberdade cumpre a sansão às avessas, isto é, a sansão do velho lobo para a própria menina. Para a autora, ao revisitar, em Buarque, o medo que rondava *Chapeuzinho Vermelho*, e que representa os medos arquetípicos confirmados, o enunciatário (leitor) ganha um poder e um saber para o triunfo sobre este medo, e, o que é curioso, ainda nesta primeira parte. Isso, pela ironia e pelo efeito do sentido de comicidade, marcas da paródia.

Em *Chapeuzinho Amarelo*, inicialmente nos é apresentada uma menina passiva e indefesa ao demonstrar tanto medo, contudo é a própria que muda a situação em que vive, situação do medo do lobo, ao resolver todo seu medo sem ajuda do adulto. Podemos observar que Buarque apresenta ao leitor na figura de *Chapeuzinho Amarelo* a menina que constrói seu mundo subjetivo, inverte o *real* para construir sua realidade, assim afirmando que ao leitor, implicará no poder de decisão sobre aquilo que vai ser narrado, o que indica tanto a autoridade desse ser ficcional, como também a presença da subjetividade do sujeito narrador, ou seja, o que aparece e o que não aparece na superfície do texto é fruto da seleção dessa personagem, a qual expõe suas intenções, a saber:

No eixo problema / solução, inscreve-se, portanto, a construção da competência da menina, a sua performance de ruptura, passos que se mostram didaticamente como exemplo ao enunciatário, que também fica modalizado para um novo poder fazer, para uma possibilidade nova de refletir sobre suas angústias, de triunfar sobre seus medos (DISCINI, 2000: 189).

Através desse fragmento, percebemos que *Chapeuzinho Amarelo* é diferente da menina *Chapeuzinho Vermelho*, pois enquanto a segunda se submete ao medo sendo devorada pelo lobo, *Chapeuzinho Amarelo* por meio da paródia ri e permite que o lobo ou o medo seja ridicularizado e desconstruído:

Mas o engraçado é que, assim que encontrou o LOBO, a Chapeuzinho Amarelo foi perdendo aquele medo, o medo do medo do medo de um dia encontrar um LOBO.

Foi passando aquele medo do medo que tinha do LOBO.

Foi ficando só com um pouco de medo daquele lobo. Depois acabou o medo e ela ficou só com o lobo. (BUARQUE, 1979, XI)

Podemos observar na citação acima que Chico Buarque permite que o leitor valorize positivamente a identidade e a coragem do ser infantil, repudiando qualquer intenção de se isolar da vida social por causa da sua menoridade. Através do conto *Chapeuzinho Amarelo*, podemos perceber que Buarque instiga o leitor para a polissemia do texto. Enquanto nos Grimm modaliza-se predominantemente pelas *paixões de disjunção e de tensão, como a insegurança e a afirmação*. Em Buarque, o sujeito modaliza-se pelas *paixões de conjunção e relaxamento, como a satisfação e a confiança* (Discini: 2000, 178).

Percebemos daí que no decorrer da narrativa o lobo não realiza mais sua terrível performance, o que resulta numa sansão negativa cognitiva, que, ao se figurativizar discursivamente, torna-se ainda mais punitiva, porque esrachada, debochada e, portanto, incompatível com seu *frame assustador*, nos termos de Discini. Nessa incompatibilidade, instaurar-se-á o riso iconoclasta, o lobo vai virar um bolo, um *bolo de lobo fofo*:

Ai,
 Chapeuzinho encheu e disse:
 "Pára assim! Agora! Já!
 Do jeito que você tá!"
 E o lobo parado assim do jeito que o lobo estava
 Já não era mais um LO-BO
 Era um BO-LO.
 Um bolo de lobo fofo, tremendo que nem pudim, com
 medo da Chapeuzim.
 Com medo de ser comido com vela e tudo, interim.
 (BUARQUE:1979,XXII)

Podemos perceber que através da desconstrução da palavra LOBO para BOLO, a sansão que irá coroar o percurso narrativo da menina, justificando-o, orienta a transformação desse sujeito que, do encontro com a submissão, passa para o encontro com a liberdade. Assim desenvolve-se a performance de rompimento da menina.

Enquanto que no conto *Chapeuzinho Vermelho*, esse rompimento acontece num momento denso e rápido, no espaço mágico do bosque, restando à menina *poucos* poderes, como ficar *divertindo-se e a colher flores na floresta*. Em Buarque, o discurso acentua tal rompimento, subsidiado, que é, pela narrativa. Aí o rompimento organiza-se no antiprograma, em que, após a manipulação contraditória para a liberdade, a menina por meio de um ponto da narrativa, constrói sua competência. É através desse programa, ou seja, conjunto de transformação, que vai-se construir a competência da menina para que ela possa ser uma pessoa, ou seja, um sujeito em conjunção com a liberdade, constitui o fulcro de toda a subversão do sentido do texto.

Buarque, na primeira parte do texto, usa a ironia para arquitetar seu significado, e a vítima dessa ironia é *Chapeuzinho Vermelho*:

Tinha medo de trovão. Minhoca, pra ela, era cobra.
 E nunca apanhava sol porque tinha medo da sombra.
 Não ia pra fora pra não se sujar.
 Não tomava sopa pra não ensopar.
 Não tomava banho pra não descolar.
 Não falava nada pra não engasgar.
 Não ficava em pé com medo de cair.
 Então vivia parada, deitada, mas sem dormir, com
 medo de pesadelo. (BUARQUE:1979,VI)

Fica evidente nesse primeiro segmento que a narrativa agora resgata aquele sujeito intertextual em conjunção com a submissão. Assim temos a figura da menina em

que se consumou a receita de Perrault e dos Irmãos Grimm, ou seja, uma menina mutilada pelo medo. É como se *Chapeuzinho Amarelo* fosse a continuação, a parte II, ressignificada, de *Chapeuzinho Vermelho*.

O exagero de Buarque, quando repete medo do medo do medo, carnavaliza, dessacraliza, apontando essas performances para a disjunção do sujeito da enunciação com a submissão, pois esse valor é criticado e rebaixado pelo riso. Sendo assim tudo isso se enfeixa na desdramatização da figura do *lobo*, que se constrói pela incongruência intertextual dos papéis temáticos desse autor.

Discini (2000) opina que:

Essa repetição cômica de situações similares, com a crítica que lhe é subjacente, faz o enunciatário não se envolver emocionalmente. Ninguém sentirá pena do lobo, mas, pelo contrário, o prazer da vingança. (DISCINI, 2000: 188).

Essa vingança é desejada pela menina que ouvia os contos de fada e com que estremecia.

Quando a menina *Chapeuzinho Amarelo* consegue se libertar do medo do lobo, percebemos que a vitória não se dá somente na derrota deste, que vira bolo, uivando desesperadamente o próprio nome, mas na possibilidade do riso; o riso dialógico, o que opõe duas visões de mundo que é a da repressão, que conduz à alienação de si mesmo e, conseqüentemente, do outro, constituindo um problema; esta, da libertação, que conduz ao auto conhecimento e, conseqüentemente, conhecimento do outro, constituindo uma solução.

Bakhtin (apud Discini) opina que:

Assim se expressa a respeito desse riso dialógico: o discurso bi vocal sempre é internamente dialogizado. Assim é o discurso humorístico, irônico, paródico (...). Neles se encontra um dialogo potencial, não desenvolvido, um diálogo concentrado de duas vozes, duas versões de mundo, duas linguagens. (DISCINI, 2000:189)

Assim percebemos que o autor de *Chapeuzinho Amarelo* ironiza o medo da derrota inicial da menina até sua valentia, passando pelo desespero do lobo e com um outro desfecho feliz dessa vez para *Chapeuzinho*: a conquista de sua infância sem medo.

Confirma-se no enunciado que Buarque através de *Chapeuzinho Amarelo*, mostra-nos que a menina enfrenta seu medo e vence todos os obstáculos através da desconstrução da linguagem, o que a torna corajosa. E ao enfrentar seu medo, a menina perde também a cor amarela da face, torna-se assim uma criança normal de faces vermelhas, que come, dorme e brinca de amarelinha com as colegas (a cor amarela se torna a da brincadeira infantil). Uma criança atual, com problemas atuais e normais como medo, insegurança e talvez solidão, pois na história não é citado o laço afetivo familiar, mesmo assim ela é capaz de crescer, de vencer o medo e encarar os gigantes do medo de frente.

A diferença entre *Chapeuzinho Amarelo* X *Chapeuzinho Vermelho* é que esta interage na história passivamente, é salva pelo caçador que é o herói. Já em *Chapeuzinho Amarelo*, a própria menina é heroína de sua história, não dependendo de interventores. Ela própria é o sujeito de sua descoberta e construtora do significado de suas interpretações para a narrativa canônica.

Exatamente neste sentido interpretamos que a personagem *Chapeuzinho Amarelo* estaria figurando um leitor previsto para o texto tradicional. Já dissemos que essa personagem inserida no próprio enredo de Buarque é apenas a leitora da narrativa de *Chapeuzinho Vermelho*, o LOBO é uma figura de linguagem, o personagem de história que a menina ouvia/lia.

Mas não é só nesse sentido direto que queremos considerar *Chapeuzinho Amarelo* enquanto figuração de um leitor previsto para a narrativa.

Eco (1994:7) afirma que:

Mas numa história há sempre um leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só no processo de contar uma história, como também na própria história.

Assim, em toda narrativa haveria a projeção de leitor previsto, ou seja, o leitor-modelo, categoria **textual** que corresponderia ao autor-modelo, enquanto **efeito** da narrativa, não empiricamente.

Essa voz (do autor-modelo) se manifesta como uma estratégia narrativa, em conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como leitor-modelo. (Eco: 1994,4).

O texto materializa, em termos de “instruções” e “estratégias” narrativas, uma ação desejada para o leitor. Se o leitor empírico vai segui-la ou não é outra história, interessa aqui o tipo de leitor previsto, insinuado, possível de se visualizar no texto estruturado.

Assim, podemos dizer que à medida em que os narradores de ambos os textos em questão constroem sua narrativa, através de sua posição, os mesmos projetam efeitos leitores que, a nosso ver, estariam ligados à mesma figuração que dão às personagens de que narram suas ações e sentimentos.

Nesse sentido, em que falaria de leitores-modelo não só em relação a textos que estão abertos à múltiplos pontos de vista, mas também àqueles que preveem um leitor muito obediente. (Eco: op.cit 23).

Lajolo (1998) numa perspectiva da história da leitura do Brasil afirma que *a conduta narrativa textualiza o leitor*. Sendo assim, a figura do narrador organiza o relato invocando um leitor previsto, ainda que não o nomeie enquanto tal.

É nesse sentido que entendemos também o deslocamento operado em *Chapeuzinho Amarelo* em relação a *Chapeuzinho Vermelho*.

Desde a entrada no texto dos Grimm o pressuposto do narrador é o da obediência e idealização da infância e quanto espaço da inocência que necessita da tutela, seja para ação, seja para interpretação.

O tom de *Era uma vez...* já supõe uma voz adulta narrando uma história de conto maravilhoso.

Diríamos que a mesma posição adulta e tutelar figurada pelo lobo e pela mãe da menina é a tomada pelo narrador em relação ao leitor que prevê: o tom de indução é o mesmo nos excessos de informação textual sobre a menina e a paisagem; na fala da mãe que ensina a dizer *bom dia* e na expressão do lobo ao conquistar a menina para a desobediência:

Era uma vez uma pequena e meiga menina, da qual todo mundo passava a gostar assim que a conhecia(...) –Chapeuzinho, olhe as belas flores que estão ao nosso redor. Porque não procura observá-las? Parece que você nem ouve o canto dos pássaros! Pelo seu jeito de andar, dá a impressão que vai para a escola, quando aqui na floresta é tão mais divertido. (Grimm:1810, 01)

Sendo assim, realmente se torna desnecessária aquela *Moral da História* presente na primeira versão de Perrault, do século XVII. Será agora nos elementos estruturais a aposta da tutela dos sentidos para a leitura desejada.

A menina assim, é figurada inocentemente desde o princípio: *pequena e meiga, como não sabia que ele era um bicho tão malvado*. Além disso só percebe a beleza do caminho depois de indicada pelo lobo: *Olhe as belas flores que estão ao nosso redor*. Obedece a este ao desobedecer a ordem da mãe, como já afirmamos, e é tratada pelo narrador como *pobre menina*, ao ser devorada pelo lobo.

Além disso, todos os seus pensamentos (transcritos entre aspas) são suas reflexões sobre o comportamento devido ao ser infantil na situação dada ou denotativos do grau profundo de sua ingenuidade.

Na conclusão da história, o desfecho coloca em cena esse pensamento, quando o narrador, após enumerar o que cada personagem fez ao final, depois do acontecido—o caçador que tirou a pele do lobo e foi embora; a vovó que comeu e voltou a ficar forte – em analogia expõe: *Chapeuzinho Vermelho*, por sua vez, pensou: *Nunca mais sairei da estrada e penetrarei na floresta, quando isto for proibido por minha mãe*.

A lição a ser compreendida (que lá em Perrault aparecia declaradamente na voz do narrador e no apêndice ao texto) aqui aparece como na *reflexão* madura feita pela própria personagem infantil, na sua voz.

Já a menina *Chapeuzinho Amarelo* é figurada a partir de outros temas, sua figuração parte de um movimento disfórico para o eufórico, pois a menina que começa triste e acabrunhada, tida pelo narrador como ingênua, mas por ter medo do LOBO que não existia, é o oposto da outra. Agora é o centro da história não no

sentido previsto, posto que dessa vez não há ordem, nem vovó e nem mamãe. Já se sabe que é essa menina desde sempre. Ela dispensa outra apresentação que não seja a do seu medo. Sua figuração passa pelo passado para chegar ao presente do conflito resolvido por ela mesma; que encarou o medo do LOBO sem a mediação de nenhum adulto e torna-se *vermelha* de faces coradas à medida em que conquista sua individualidade infantil e vence a leitura prevista para a narrativa tradicional

Um aparte sobre a ilustração

O início da história de *Chapeuzinho Amarelo* é marcado pela cor amarela da figura do seu chapéu a que se estende á figura da personagem, o que pode estar ligado à cor tropical do Brasil, uma vez que a personagem é apenas encenada como leitor das histórias.

Para Camargo a ilustração aqui tem uma função simbólica, pois personifica emoções, como podemos perceber nos gestos da menina *Chapeuzinho Amarelo* quando está com medo e quando deixa de tê-lo, fica evidente nas faces da personagem e nos próprios desenhos da história *o lobo que não existia* do texto verbal, é seguido a partir de forma da própria sombra da menina.

A ilustração também tem uma função lúdica, pois permite ao leitor ir brincando com as figuras, desvendando os mistérios da mesma.

No momento em que *Chapeuzinho* vai perdendo o medo das coisas, também vai ganhando um colorido. Isso acontece a partir do momento em que tudo é reduzido a preto e branco.

Podemos perceber que no momento em que *Chapeuzinho* está deitada na cama *mas sem dormir*, está branca de medo e isto demonstra o contraste entre o mundo e a visão da personagem, pois em volta dela aparece apenas uma sombra preta, e a mesma imagina que minhoca é cobra, o que significa sair totalmente da realidade em função de seu medo.

Quando *Chapeuzinho* encontra o lobo, a cor branca da menina é transposta para ele, o que nos leva a acreditar que a partir daí quem passa a ter medo é ele, além do que pode significar que ele agora está destituído do significado amedrontador do que possuía. E quando ambos ficam a sós, perdem a cor, e apenas o fundo tem um colorido, demonstrando um lugar imenso, os dois são apenas sombra diante de tanto espaço.

Segundo Camargo (1995:42)

O livro infantil não pode se afastar das expectativas dos leitores. Por isso a ilustração acompanha o gosto

dominante por uma arte figurativa que não se afasta muito da representação da figura acadêmica.

Através da ilustração do conto é possível que o leitor desvende a história sem ter palavras escritas, pois as imagens vão relatando todo o enredo.

Esse tipo de técnica faz com que o leitor estimule sua percepção, sua apreciação estética e sua própria criação plástica.

Esta ilustração de Ziraldo para a obra de Buarque, de que fazemos análise, foi editada pela José Olympio Editora em 1998 e premiada no mesmo ano pela Fundação Nacional de Literatura Infantil e Juvenil.

O auge da ilustração desta obra a nosso ver encontra-se a página XX/XXI, quando no texto verbal a menina vai desconstruindo linguisticamente a figura do LOBO, e iconicamente a ilustração vai transformando LOBO em BOLO, compactuando perfeitamente com o texto de Buarque sem reduzir sua polissemia. Linha à linha a figura amedrontadora do LOBO vai se desmanchando e dando lugar a figura festiva do BOLO, que por sua vez é palavra composta com as mesmas letras e fonemas que a palavra LOBO. Ao mesmo tempo as duas sílabas que compõem a palavra vão sendo invertidas, à medida que o desenho do LOBO e do BOLO vão se invertendo e se recompondo naturalmente, significando nos espaços em branco da página. Talvez o mais interessante no gesto paródico de Buarque em relação ao texto de Grimm esteja no fato de que o LOBO de sua versão é transformado em comida (BOLO) após a desconstrução de sua figuração monstruosa, entretanto *Chapeuzinho Amarelo* se nega à troca de posição com o mesmo e não o devora, apesar do medo dele. E ela o faz em detrimento do exercício pleno de sua infância: uma vez vencido o medo do lobo ela vai brincar, o que não fazia enquanto estava em estado de horror:

*Chapeuzinho não comeu
aquele bolo,
porque sempre preferiu
de chocolate (BUARQUE: 1979,XXIV).*

Palo e Oliveira (1986:19) sistematizam brilhantemente o raciocínio sobre a ilustração livresca quando consideram a possibilidade na construção de figuras em relação ao texto literário a partir de três espécies: sonoras, visuais e verbais. Ou seja, as

autoras complementam o estudo sobre a ilustração no sentido de pensar o texto literário a partir de suas múltiplas possibilidades de leitura, tendo em vista que:

As figuras sonoras constroem-se pela pulsação rítmica das frases, ou ainda, pela cadência dos acertos fracos-fortes, longos-breves, agrupando sons tendo por base as semelhanças entre eles(...)

Quanto as figuras verbais, centralizam-se, basicamente, em duas: metáfora e paronomásia. Em ambas, a construção faz-se por relações de se semelhança. Na metáfora a semelhança é auxiliada pelo significado dos termos em conexão, enquanto na paronomásia a semelhança faz-se com base na materialidade gráfica, sonora e de sentido entre as palavras envolvidas.

Esses três planos funcionam em grau de paridade em *Chapeuzinho Amarelo*. As autoras apontam que há verdadeira fusão entre os três tipos de construções figurativas, no momento em que o LOBO transforma-se em BOLO, haja visto que as múltiplas posições das duas palavras no espaço da página constroem por analogia a imagem da derrota do LOBO metamorfaseado em BOLO, na palavra BOLO, subsumida pelo olho, ouvido, boca, pensamento do leitor, integrando sonoridade, visualidade e sentido. É através desse dismantelamento do *totem* originado na versão canônica de *Chapeuzinho Vermelho* que a menina *Chapeuzinho Amarelo* reconfigura o *tabu* do medo de viver.

Essa fusão se constrói em outros momentos da narrativa, como por exemplo nos versos já citados:

*Mas o engraçado é que,
assim que encontrou o LOBO,
a Chapeuzinho Amarelo
foi perdendo aquele medo,
o medo do medo do medo
de um dia encontrar um LOBO.
Foi passando aquele medo
do medo que tinha do LOBO.
Foi ficando só com um pouco
de medo daquele lobo.
Depois acabou o medo
E ela ficou só com o lobo.(BUARQUE:1979,XI)*

Nesta sequência verbal, o medo tamanho do LOBO é personificado na repetição da palavra MEDO, reiterada quatro vezes, inicial e excessivamente –

AQUELE MEDO/ O MEDO DO MEDO DO MEDO. Essa reiteração vai se reduzindo quantitativamente à medida em que o medo vai sendo vencido e o vilão encarado de frente pela menina (4,3,2,1 vezes), até que no último verso reste o confronto: *e ela ficou só com o LOBO*. O ritmo, a versificação, o paralelismo figuram eles próprios a intensidade do medo inicial do LOBO se esvaziando na relação da menina com o vilão. No plano visual também a figura do LOBO foi se diminuindo em relação à sombra gigantesca que possui duas páginas antes, sugerindo o confronto de igual para igual que *Chapeuzinho* operaria desse momento no texto.

Essa mesma possibilidade de interpretação é avistada também no sentido inverso de estabelecimento das relações textuais. Ao final da narrativa é o plano visual o foco de partida, posto que há desconstrução verbal de cada figura mística causadora do medo tradicionalizado na infância, corresponde a figuração gráfica do *monstro* com ações contrárias: *Gãodra* (Dragão) solta fogo pelo rabo; *Pão Bichôpa* (Bicho Papão) come um petisco com garfo e prato em miniatura; *Barão-tu* (Tubarão) possui a boca virada para o rabo e a *Jacoru* (Coruja) aparece virada de cabeça para baixo no galho de uma árvore. O texto afirma que a partir de agora estes serão *companheiros* de *Chapeuzinho Amarelo* numa extensão ao sentido de dessacralização ocorrida com o LOBO.

Assim podemos perceber que em *Chapeuzinho Amarelo* há uma fusão real entre os aspectos visuais, sonoro e verbal da narrativa, no sentido apostado por Palo e Oliveira, e que vêm tornar o texto de Buarque mais interessante no sentido de proposição de obra que desconstrói a leitura canônica do conto *Chapeuzinho Vermelho*, porque aparece uma verdadeira unidade de composição no que tange à proposição de subversão no ato da leitura.

Algumas considerações finais:

Na verdade as duas narrativas em questão encenam duas interpretações para a situação da criança na sociedade moderna. Talvez o mais interessante seja o fato de que a literatura, ao discutir e encenar soluções simbólicas que se voltam para as questões da época em que foi produzida, o faça exatamente internalizando nos textos esses posicionamentos.

Chapeuzinho Amarelo por sua vez é a personificação de uma postura absolutamente moderna em relação à tradição literária, não só pelo que desloca em relação ao ser infantil enquanto ser social, mas também pelo que traz à tona em sua proposta para o leitor na paródia ilustrada: aquele que produz sentido sobre o texto e *revira* o seu lugar previsto na estrutura da obra. A menina que lê a história e se desloca no lugar da personagem que confronta com o lobo agora precisa enfrentar seu próprio medo e se construir em sua identidade, num percurso análogo ao desejado para o ser criança em nossa sociedade.

A escrita de Buarque transforma o LOBO e o BOLO por diversos caminhos: a prosa se transforma em poesia; a menina *vermelha* de *Chapeuzinho Vermelho* se torna *amarela* de chapéu amarelo; a presença do Outro (adulto) é subsumida na onipresença do medo, que é desvestido, o percurso da narrativa pela própria personagem é sem ordem dada.

O narrador tutelar para com *Chapeuzinho* e para com o leitor na versão do Grimm abre seus espaços para a polissemia e toma partido da menina desde o início do texto, *que vai ver que o tal do LOBO nem existia*.

Nesse sentido, a paródia é o gesto textual perfeito, posto que significa a apropriação desautorizada dos sentidos dados para o texto base, onde a relação de intertexto vai se fazer pela subversão que se opõe à submissão e obediência.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética* de Dostoiévski, Editora Forense Universitária 2ª ed.- Rio de Janeiro, 1997

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de Fadas*. SP. Paz e Terra, 1980.

SANTOS, Claudia Braga Babilônia Faria dos Santos. *O ser infantil* em Clarice Lispector.

BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho Amarelo*, 12ª ed. Rio de Janeiro, 2003.

CAMARGO, Luís. *Ilustração do Livro infantil* Belo Horizonte: ed. Lê, 1995.

DE CERTEAU, Michel. *A beleza do morto IN A cultura no plural* PP. 55-83 SP. Papirus, 1995.

DISCINI, Norma. *Intertextualidade e conto maravilhoso / Humanistas / FFL CH / USP*, São Paulo, 2001.

ECO, Umberto. *Seis Passeios pelos bosques da ficção* – Companhia das Letras: São Paulo, 1994.

GRIMM, Irmãos. *Chapeuzinho Vermelho* Editora Kuarup, Porto Alegre, 1987.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil e Brasileira* SP: Ática, 1999

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. 2ª ed.

PALO, José Maria e ROSA, Maria de Oliveira. *Literatura Infantil: voz de criança* Editora Ática, 1986 São Paulo. SP

PERROTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura Infantil* São Paulo: 1980.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação* 3º ed. São Paulo: Ática, 1987.

*CHAPEUZINHO
VERMELHO*

Irmãos Grimm

CHAPEUZINHO VERMELHO

Irmãos Grimm, in
Chapeuzinho Vermelho
Porto Alegre, Editora
Kuarup, 1987.

Era uma vez uma pequena e meiga menina, da qual todo mundo passava a gostar assim que a conhecia. Mas ninguém a amava tanto quanto sua vovozinha, que não sabia mais o que fazer para agradá-la. Certa vez deu a ela um chapeuzinho de veludo vermelho, que lhe ficou tão bem que a menina não queria usar outra coisa, ficando conhecida então como Chapeuzinho Vermelho.

Um dia sua mãe lhe disse: - Chapeuzinho, leve este bolo e esta garrafa de vinho para vovozinha, pois ela está doente e fraca e isso lhe fará muito bem. Vá logo antes que o calor aumente e, quando chegar à floresta, não se desvie da estrada, senão você poderá cair, quebrar a garrafa e estragar o bolo, e assim a pobre vovozinha não receberá nada. Quando você chegar lá, não esqueça de dizer “bom dia” e não fique a olhar curiosamente para todos os cantos.

- Farei tudo como me foi recomendado, respondeu Chapeuzinho Vermelho, estendendo a mão para mãe.
- Acontece que a vovó morava na floresta, a uma meia-hora da aldeia. Chegando à floresta, Chapeuzinho Vermelho encontrou o lobo, mas, como não sabia que ele era um bicho tão malvado, não se assustou ao vê-lo.
- Bom dia, Chapeuzinho Vermelho! disse o lobo.
- Bom dia, lobo!

/Conversam ambos sobre o motivo da presença de Chapeuzinho ali, sobre a avó doente e a informação de Chapeuzinho acerca do local em que a avó morava./

- Sua casa fica embaixo de três grandes figueiras, próximo das noqueiras que, com certeza você deve conhecer, explicou Chapeuzinho Vermelho. O lobo então pensou: “Essa pequena e dedicada menina é um bom petisco, que será ainda mais gostoso que a velha. Terei de ser astuto para pegar as duas.” O lobo continuou acompanhando o Chapeuzinho por algum tempo e então falou:
- Chapeuzinho, olhe as belas flores que estão ao nosso redor. Porque não procura observá-las? Parece que você nem ouve os cantos dos pássaros! Pelo seu jeito de andar, dá a impressão de que vai para a escola, quando aqui na floresta é tão mais divertido.

Chapeuzinho Vermelho arregalou os olhos ao ver os raios do sol dançando por entre as árvores e, como tudo em seu redor estava cheio de lindas flores, pensou: “Se eu levar um ramalhete para vovó, ela ficará muito contente; ainda é bem cedo e eu chegarei a tempo.” Desviou-se do caminho para entrar na floresta à procura de flores.

Com isso demora-se e dá tempo ao lobo de chegar à casa da avó, que ele devorou imediatamente, deitando-se vestido com as roupas dela até a chegada do Chapeuzinho e de seu estranhamento quanto às “orelhas tão grande”, “olhos tão grandes”, etc, etc.

- Para que eu possa devorá-la melhor!
- Mal tinha pronunciado essas palavras, o lobo pulou da cama e engoliu a pobre menina. Depois de ter satisfeito a sua gula, o lobo deitou-se novamente na cama, adormeceu e começou a roncar.

/Nesse momento o caçador chega e ia atirar nele quando lembrou que talvez o lobo tivesse devorado a vovó e talvez ela ainda pudesse ser salva./

Por isso ele não atirou, mas pegou uma tesoura para abrir a barriga do lobo adormecido. Mal fizera um pequeno corte, viu aparecer Chapeuzinho Vermelho, que pulando para fora, exclamou:

- Ah, como eu estava assustada, era tão escuro na barriga do lobo!

Em seguida também a avó saiu da barriga do lobo, ainda com vida, mas mal podendo respirar. Chapeuzinho Vermelho foi buscar algumas pedras, com as quais encheram a barriga do lobo e, quando este acordou e tentou fugir, as pedras, que eram muito pesadas, o derrubaram e o lobo caiu morto no chão. Os três, então, se sentiram aliviados e felizes. O caçador tirou a pele do lobo e foi embora. A vovozinha comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho tinha trazido e logo sentiu suas forças voltarem. Chapeuzinho Vermelho, por sua vez, pensou: “Nunca mais sairei da estrada e penetrarei na floresta, quando isto for proibido por minha mãe”.

Chico Buarque

Chapeuzinho Amarelo

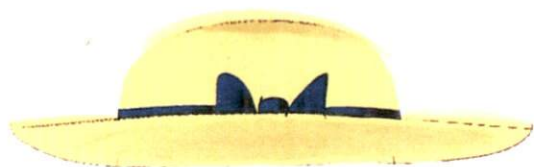


JOSÉ OLYMPIO
E D I T O R A

12ª EDIÇÃO

ILUSTRAÇÕES DE

Chico Buarque



Chapeuzinho Amarelo

12ª edição

ILUSTRAÇÕES DE

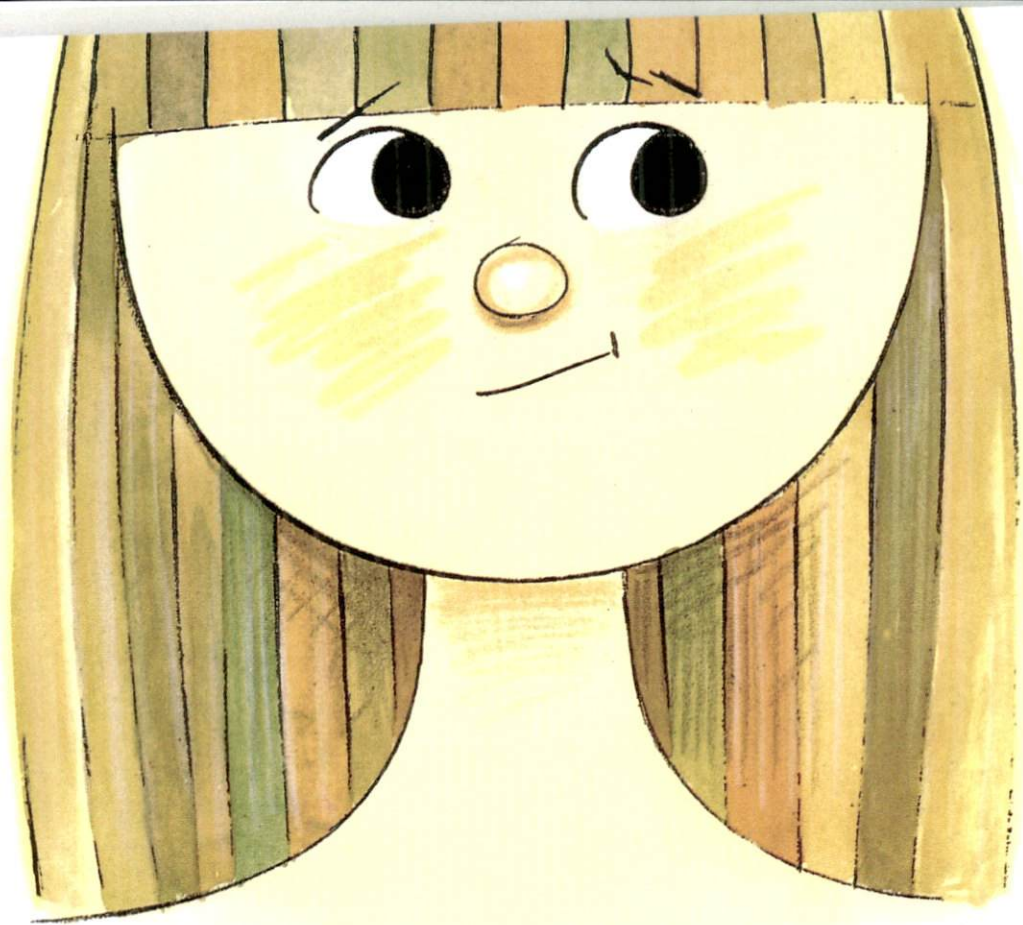
Ziraldo

Altamente Recomendável
para Crianças, FNLIJ, 1979
Prêmio Jabuti de Ilustração, CBL, 1998

JOSÉ OLYMPIO

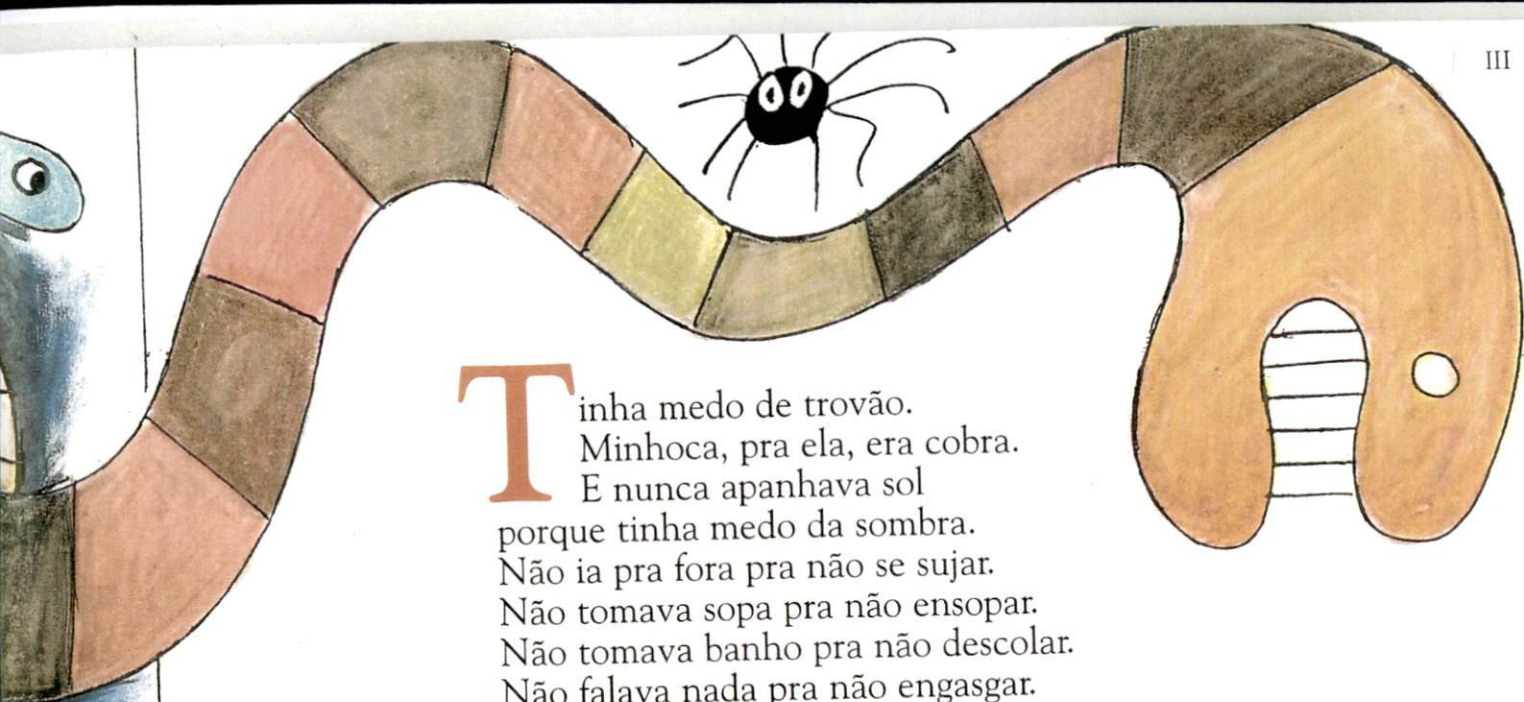


Chapeuzinho Amarelo

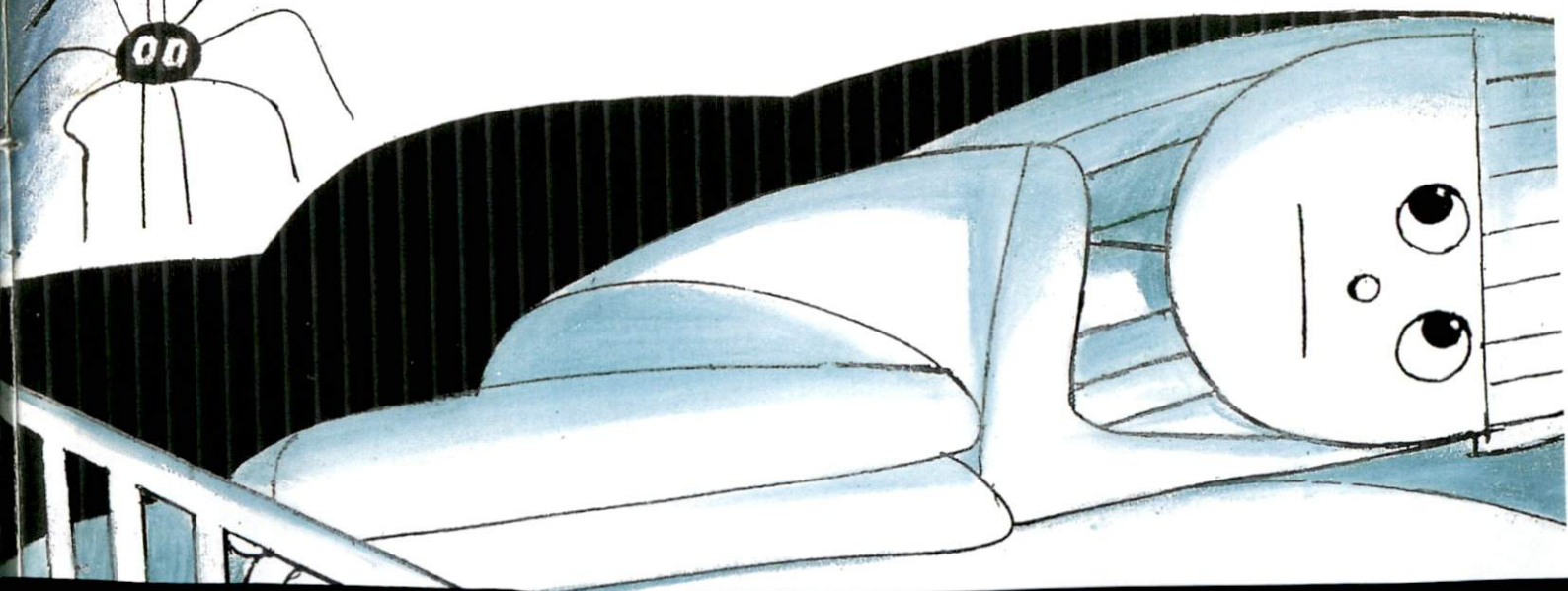


Era a Chapeuzinho Amarelo.
Amarelada de medo.
Tinha medo de tudo,
aquela Chapeuzinho.
Já não ria.
Em festa, não aparecia.
Não subia escada
nem descia.
Não estava resfriada
mas tossia.
Ouvia conto de fada
e estremecia.
Não brincava mais de nada.





Tinha medo de trovão.
Minhoca, pra ela, era cobra.
E nunca apanhava sol
porque tinha medo da sombra.
Não ia pra fora pra não se sujar.
Não tomava sopa pra não ensopar.
Não tomava banho pra não descolar.
Não falava nada pra não engasgar.
Não ficava em pé com medo de cair.
Então vivia parada,
deitada, mas sem dormir,
com medo de pesadelo.

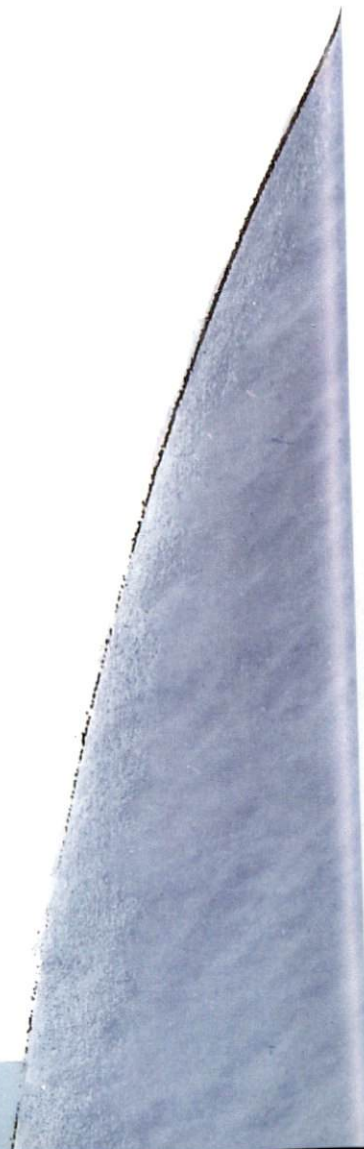
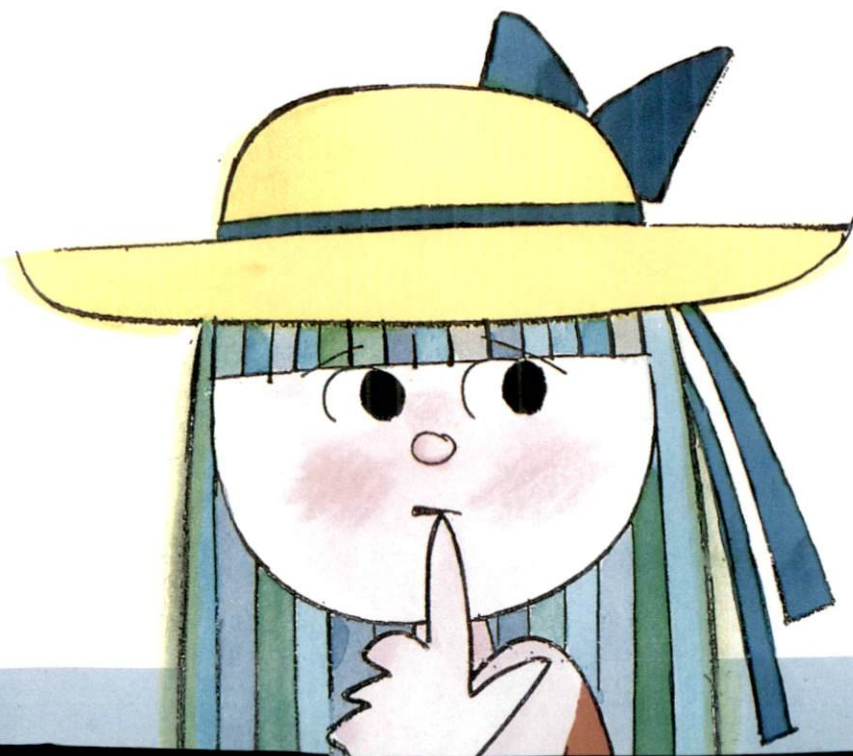


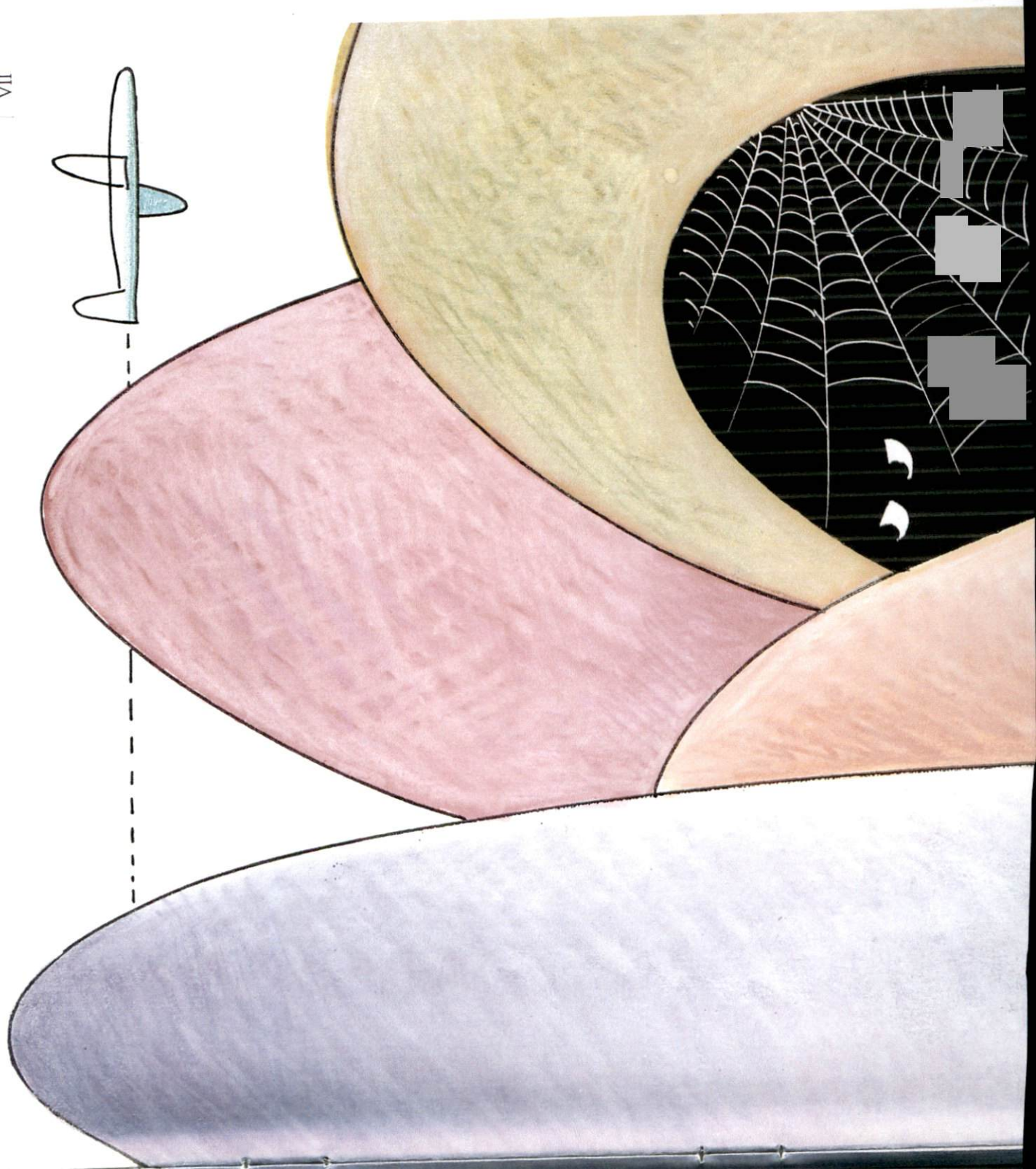
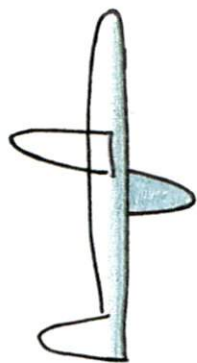
Era a Chapeuzinho Amarelo.



E de todos os medos que tinha
o medo mais que medonho
era o medo do tal do LOBO.

Um LOBO que nunca se via,
que morava lá pra longe,
do outro lado da montanha,
num buraco da Alemanha,
cheio de teia de aranha,
numa terra tão estranha,
que vai ver que o tal do LOBO
nem existia.







Mesmo assim a Chapeuzinho
tinha cada vez mais medo
do medo do medo do medo
de um dia encontrar um LOBO.
Um LOBO que não existia.



E Chapeuzinho Amarelo,
de tanto pensar no LOBO,
de tanto sonhar com LOBO,
de tanto esperar o LOBO,
um dia topou com ele
que era assim:
carão de LOBO,
olhão de LOBO,
jeitão de LOBO
e principalmente um bocão
tão grande que era capaz
de comer duas avós,
um caçador,
rei, princesa,
sete panelas de arroz
e um chapéu
de sobremesa.

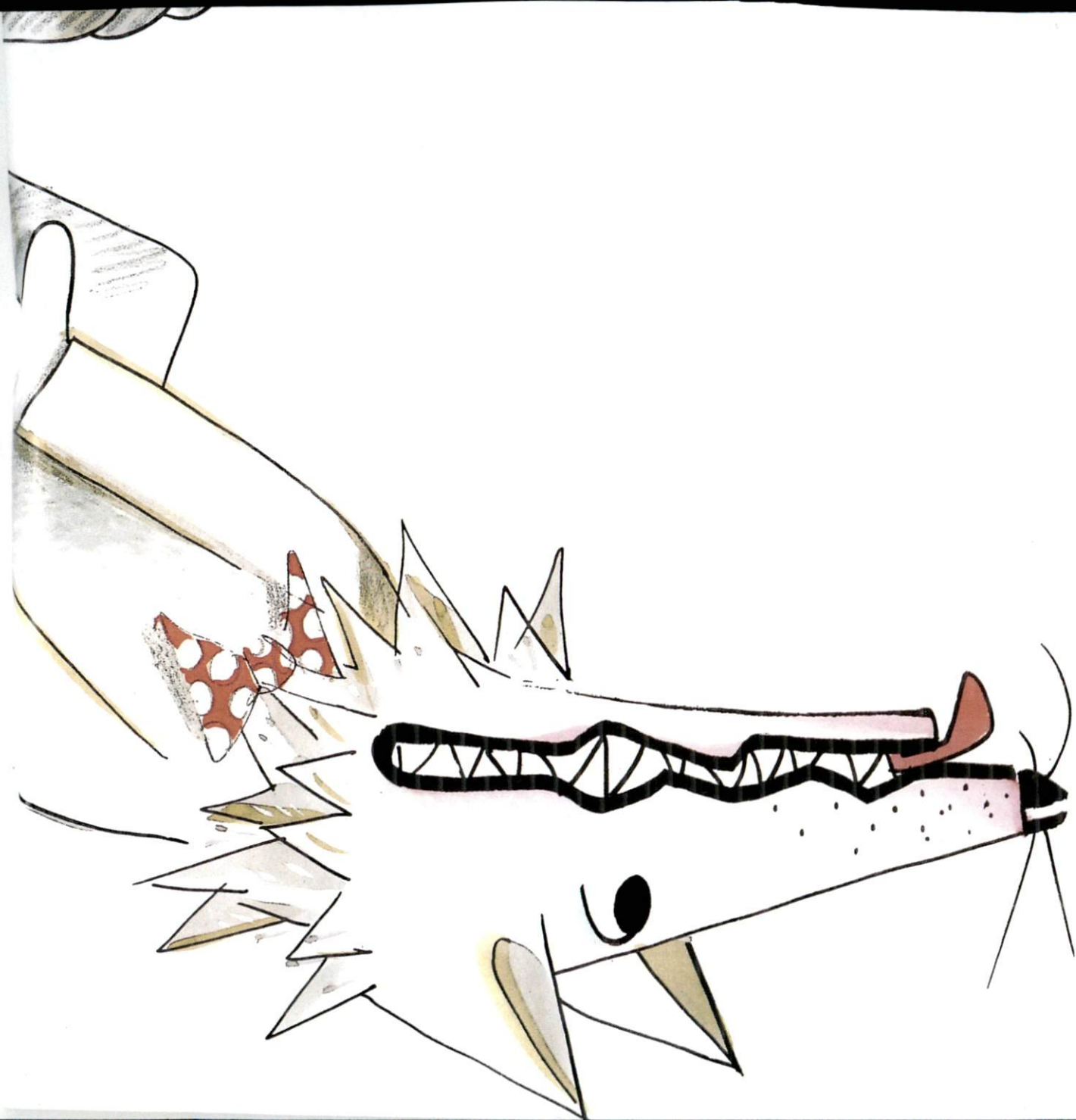




Mas o engraçado é que,
assim que encontrou o LOBO,
a Chapeuzinho Amarelo
foi perdendo aquele medo,
o medo do medo do medo
de um dia encontrar um LOBO.
Foi passando aquele medo
do medo que tinha do LOBO.
Foi ficando só com um pouco
de medo daquele lobo.
Depois acabou o medo
e ela ficou só com o lobo.





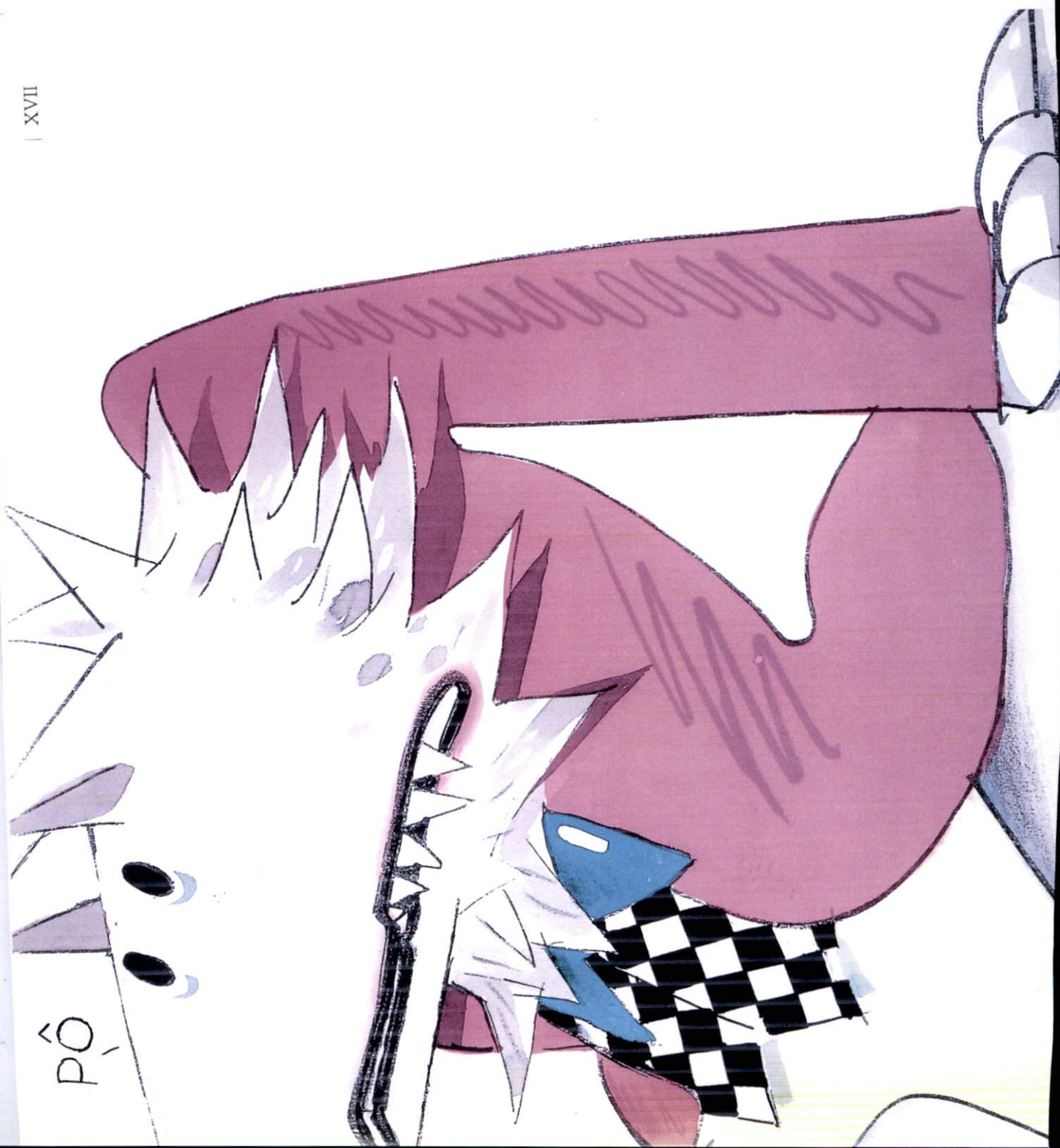


O lobo ficou chateado
de ver aquela menina
olhando pra cara dele,
só que sem o medo dele.
Ficou mesmo envergonhado,
triste, murcho e branco-azedo,
porque um lobo, tirado o medo,
é um arremedo de lobo.
É feito um lobo sem pêlo.
Lobo pelado.



O lobo ficou chateado.



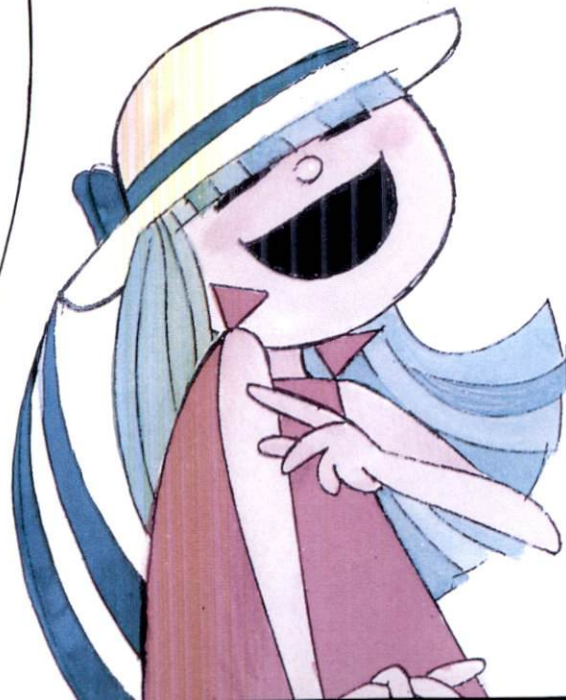


PÔ



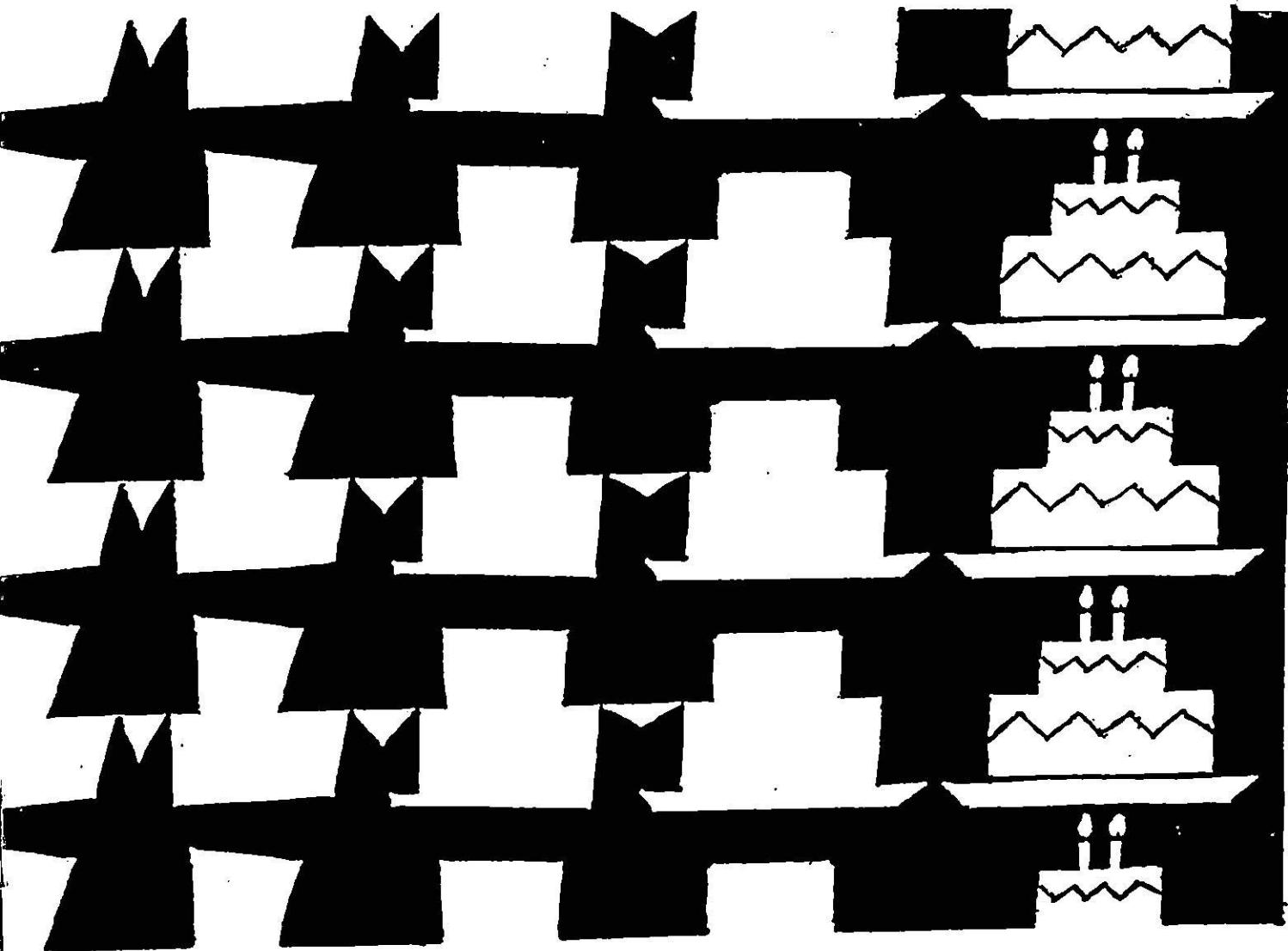
**EU
SOU
UM
LOBO!**

Ele gritou: sou um LOBO!
Mas a Chapeuzinho, nada.
E ele gritou: sou um LOBO!
Chapeuzinho deu risada.
E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!
Chapeuzinho, já meio enjoada,
com vontade de brincar
de outra coisa.
Ele então gritou bem forte
aquele seu nome de LOBO
umas vinte e cinco vezes,
que era pro medo ir voltando
e a menininha saber
com quem não estava falando:





LO BO LO BO LO BO LO BO LO B



O LO BO LO BO LO BO LO BO LO

Aí,

Chapeuzinho encheu e disse:

“Pára assim! Agora! Já!

Do jeito que você tá!”

E o lobo parado assim

do jeito que o lobo estava

já não era mais um LO-BO.

Era um BO-LO.

Um bolo de lobo fofo,

tremendo que nem pudim,

com medo da Chapeuzim.

Com medo de ser comido

com vela e tudo, inteirim.

LOBOLOBO

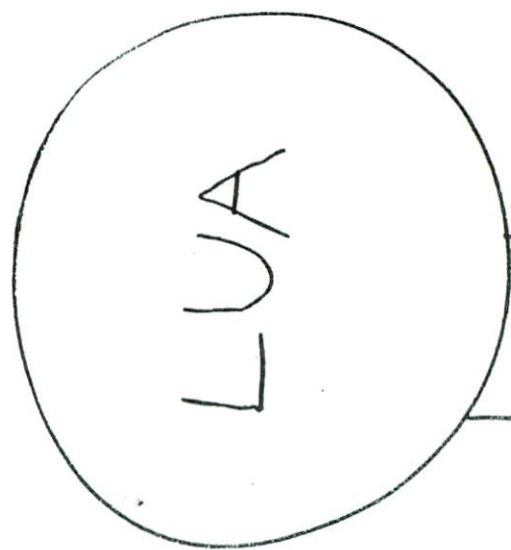


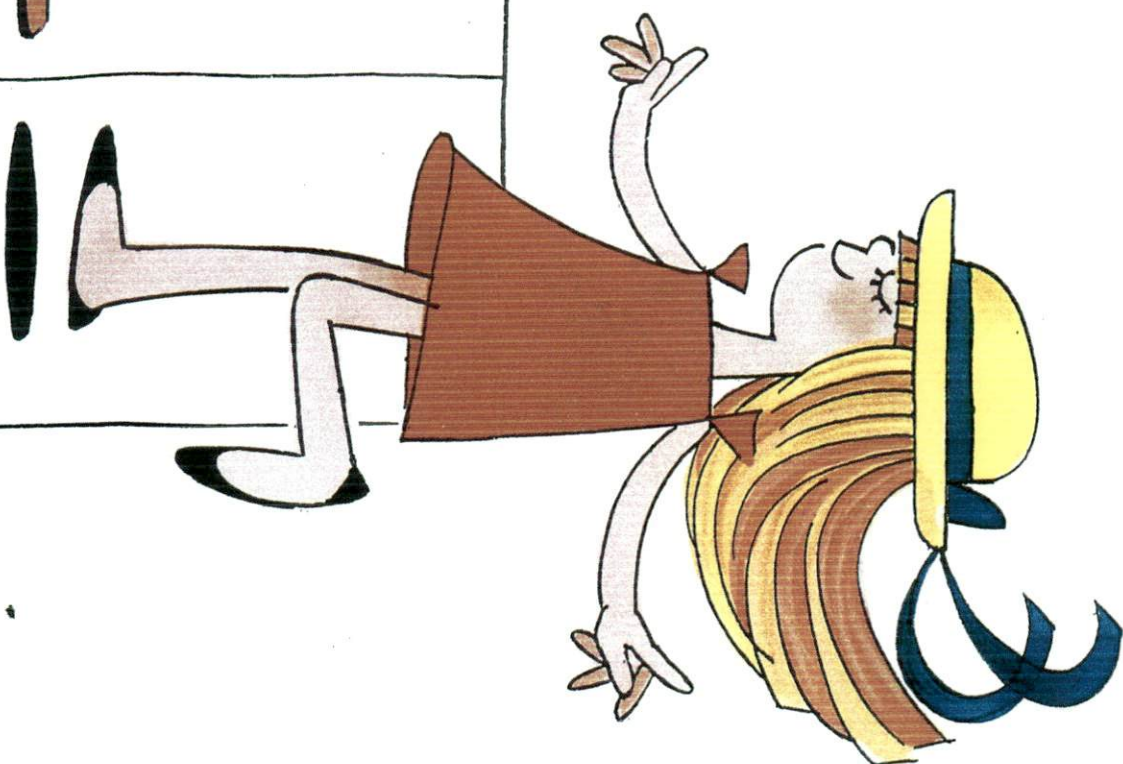
Chapeuzinho não comeu
aquele bolo de lobo,
porque sempre preferiu
de chocolate.

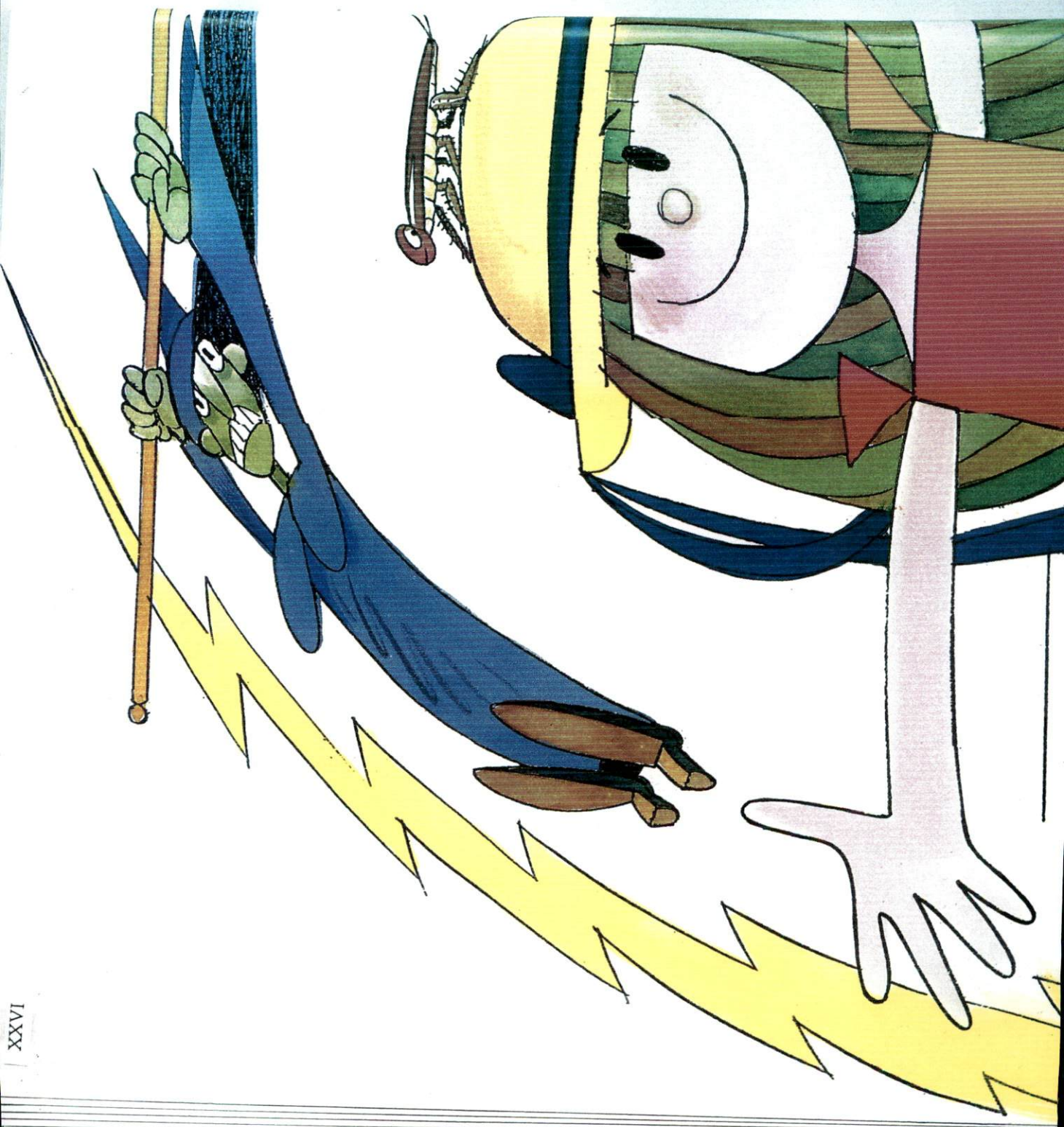
Aliás, ela agora come de tudo,
menos sola de sapato.

Não tem mais medo de chuva
nem foge de carrapato.

Cai, levanta, se machuca,
vai à praia, entra no mato,
trepas em árvore, rouba fruta,
depois joga amarelinha
com o primo da vizinha,
com a filha do jornaleiro,
com a sobrinha da madrinha
e o neto do sapateiro.

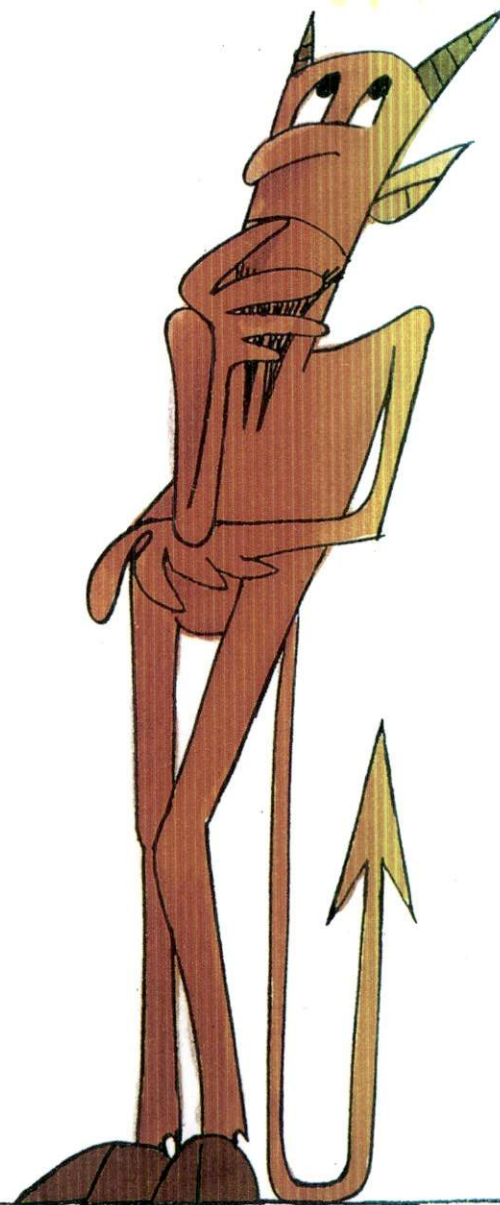






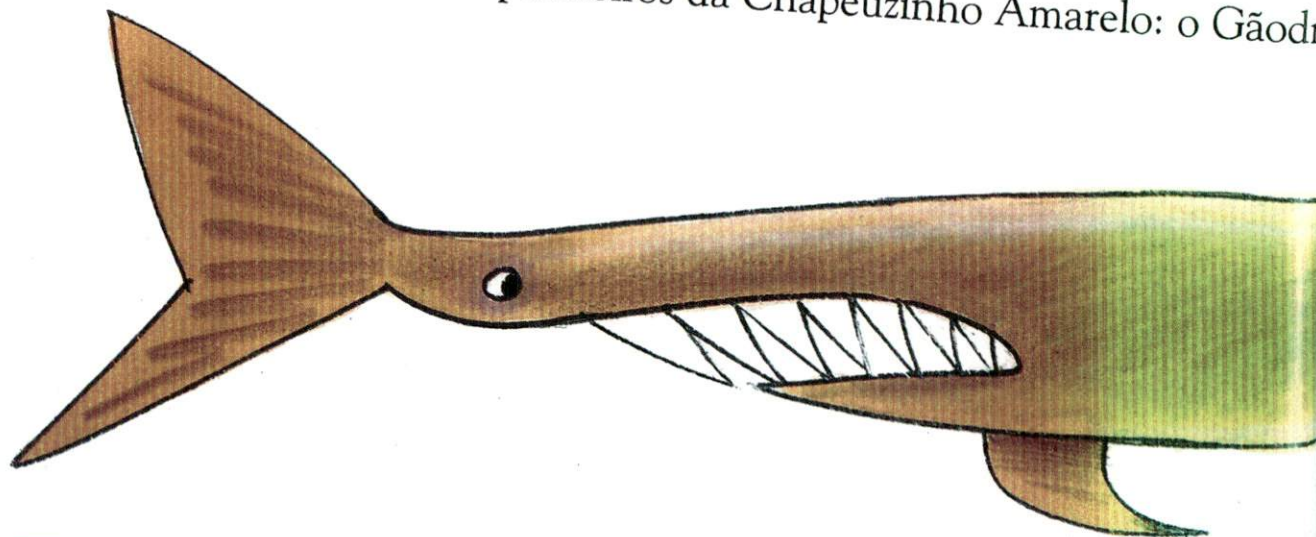
Mesmo quando
está sozinha,
inventa
uma brincadeira.
E transforma
em companheiro
cada medo que ela tinha:
o raio virou orrái,
barata é tabará,
a bruxa virou xabru
e o diabo é bodiá.

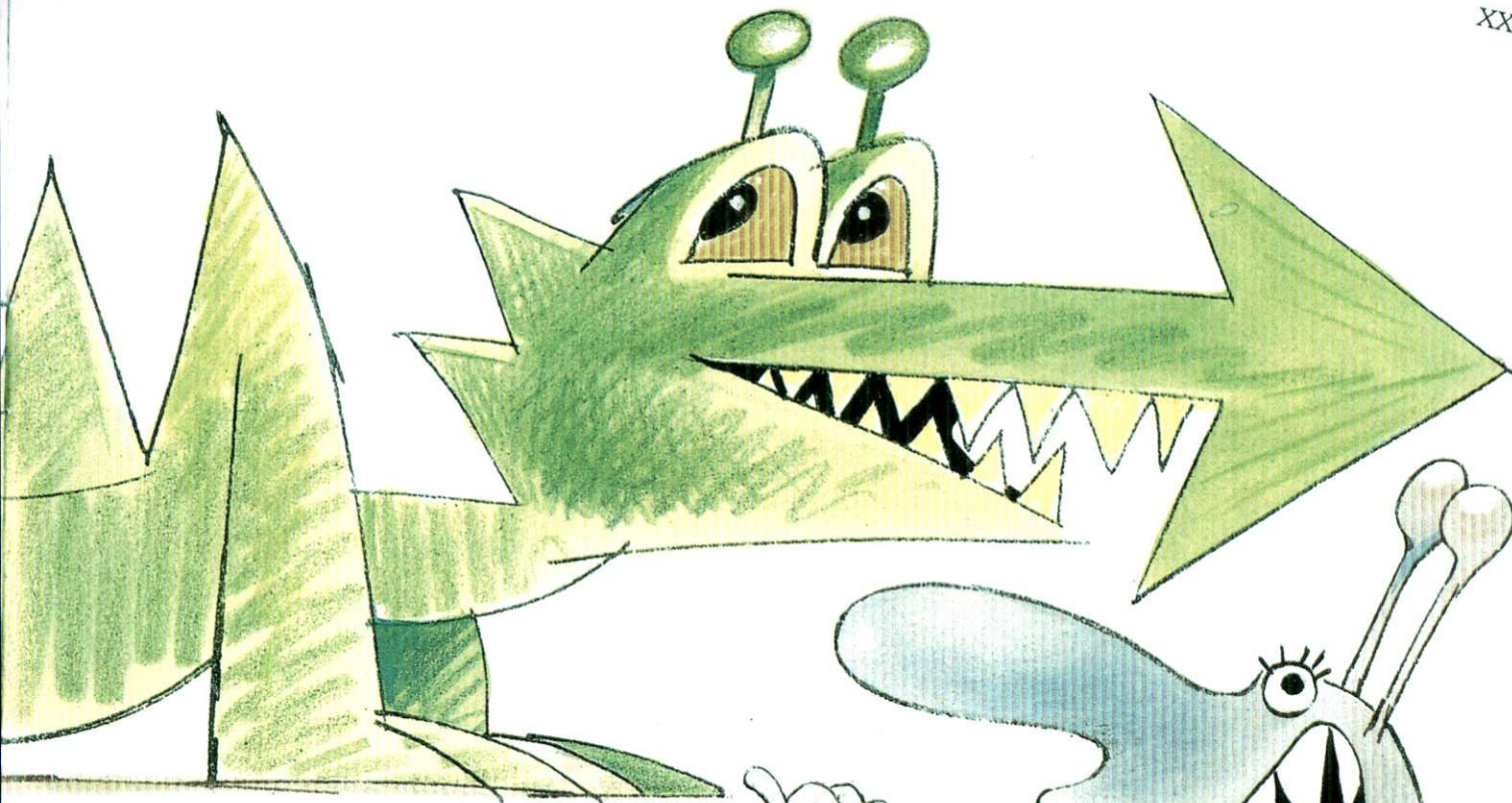
F I M



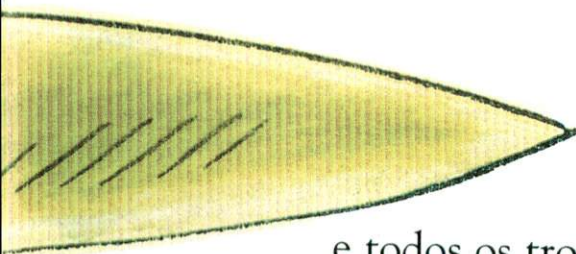


Ah, outros companheiros da Chapeuzinho Amarelo: o Gãodra

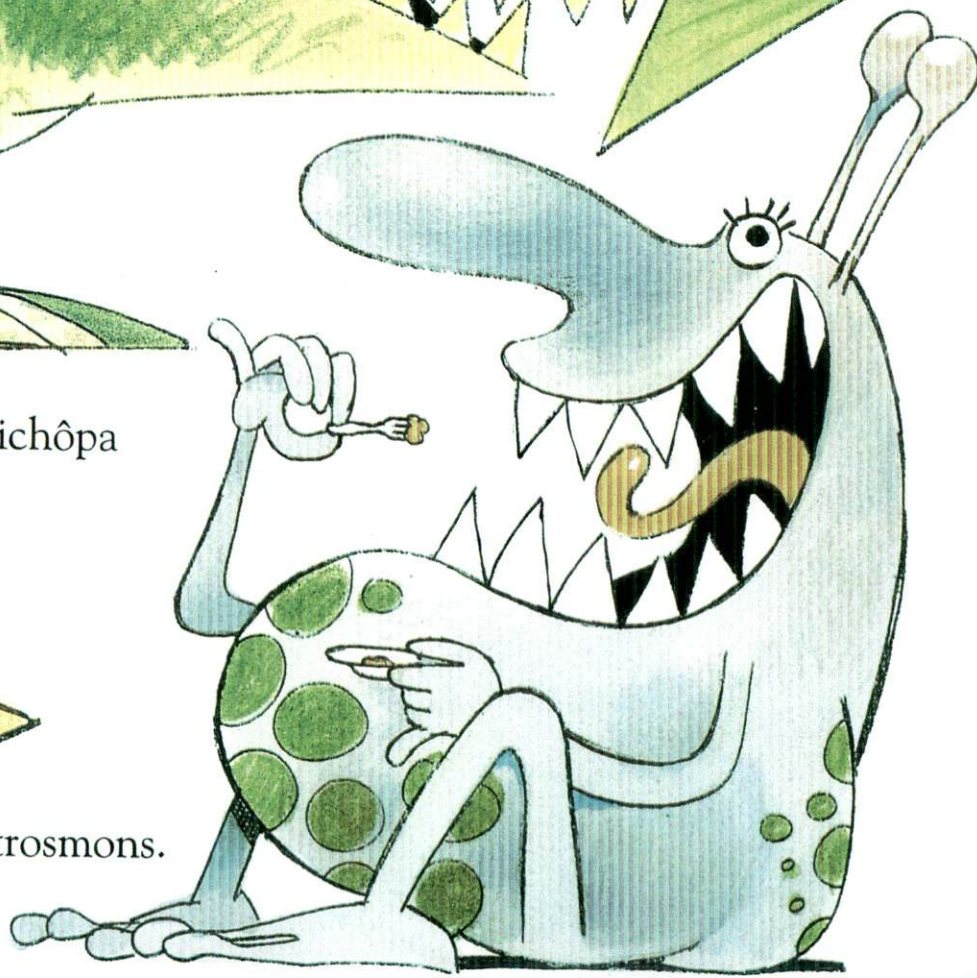




Jacoru, o Barão-Tu, o Pão Bichôpa



e todos os trosmons.



"Tinha medo de tudo,
aquela Chapuzinho.
Já não ria.
Em festa, não aparecia.
Não subia escada
nem descia.
Não estava resfriada
mas tossia.
Ouvia conto de fada
e estremecia.
Não brincava mais de nada,
nem de amarelinha."

